

Pedrinho

O menino puxou a saia da mãe e queixou-se da dorzinha de cabeça. Ora, que fosse brincar com o irmão; brincando, a dor passava. Ela já se atrasara com o jantar.

Reuniu-se a família em volta da mesa.

— Onde está o Pedrinho? — perguntou o pai.

— Brincando lá fora — a mulher respondeu.

— Não com a gente — acudiu o irmão.

A mãe chegou à janela:

— Vizinha, não viu o Pedrinho?

Voltando do quarto, o irmão contou que Pedrinho estava lá, no escuro, ele o maior medroso da família.

— De sapato na cama, filho!

O menino tinha o olho aberto no escuro. O pai acendeu a luz, alisou-lhe o cabelo, descalçou o sapato de sola furada.

— Queria um sapato de tênis, pai.

— Depois eu compro. Você tem dor?

— Um pouco.

— Sua mãe traz uma sopinha.

Choramingou que não, o olho fixo na lâmpada.

— Não olhe para a luz, meu filho!

O menino pediu que a apagasse.

— Não tem medo?

Sábado frio, de garoa. O pai carregou Pedrinho nos braços até a farmácia da esquina. Resfriado, sentenciava o farmacêutico, depois de espiar a língua do menino. Receitou xarope, uma colher cada duas horas.

Domingo Pedrinho não quis sair da cama. O irmão cansou de puxar-lhe o cabelo, nem chorou. O pai abriu a janela.

— Brincar, Pedrinho?

Gemeu baixinho que não.

— Ainda dor de cabeça?

— Pouquinho só.

— Que conte uma história?

O menino demorava o olho na lâmpada apagada. Não fez nem uma pergunta, prova de que não escutava. Lá fora o irmão corria, aos gritos.

No almoço tomou sopinha, à tarde cochilou. A mãe costumava ao lado da janela e, para saber a hora do xarope, ia olhar o relógio na sala. O relógio antes no quarto, até que o menino fez sinal com a mão — de um dia para outro muito branca.

— O relógio, mãe. Dói...

Doía o tique-taque na cabeça. A mãe afastou o relógio e, de duas em duas horas, dava a Pedrinho uma colher do segundo vidro de xarope. O menino fixava a lâmpada.

Da cozinha a mãe ouviu que a chamava:

— Água, mãe. Água.

— Dói a cabeça, meu filho?

Que sim com a pálpebra, baixando-a no olho vazio. Tateava distraído no ar. Ela dirigiu-lhe a mão, que se fechou no copo.

Acesa a luz, Pedrinho choramingava. Foi enrolada uma folha de papel ao redor da lâmpada. O pai bateu na porta da farmácia. O menino não estava bem, muita febre, aquela dorzinha de cabeça.

— Não é nada — disse o farmacêutico. — É gripe. Bem atacado da minha bronquite — e começou a tossir, a mão na boca desdentada.

Dia seguinte o menino não quis almoçar. A mãe punha-lhe o copo na mão: ele bebia, olho fechado. Da cozinha ela ouviu:

— André, me dá a bolinha. Mãe, olha o André.

Chegou à porta, o pano de prato na mão.

— Que é, meu filho?

— Nada, mãe.

— Seu irmão aqui no quarto?

— Não, mãezinha. Brincadeira.

A mulher voltou para a cozinha.

— André, dá minha bolinha. Mãe, o André não quer. André me puxando o cabelo, mãe.

Correu até a esquina, veio com o farmacêutico.

— Seu Juca, não acha que pode ser...

— Que esperança, dona!

Ergueu com cuidado a cabeça do menino.

— Ele gemeu?

— Não.

— A senhora viu. Se fosse aquela doença, gritava de dor.

— Não para de gemer, o tadinho.

Às seis horas, de volta do emprego, o pai entrou no quarto.

— Ele gemeu o dia inteiro — advertiu a mulher.

— Que tem o meu hominho?

— Dor, pai.

— Já passa, meu filho.

Não se mexia na cama, muito grande para ele, olho aberto no escuro. Choramngava, ainda dormindo. O pai saltava da cadeira, vinha afagar-lhe a cabeça: pegava fogo.

De manhã pediu as bolinhas coloridas de vidro. Bulia com elas debaixo do lençol.

Tornando do emprego, o pai viu da esquina os vizinhos diante da casa.

— Que demorou tanto, homem de Deus?

A mulher chorava de pé, a cabeça apoiada na parede. Uma vizinha esfregava vinagre nos pulsos do menino desmaiado.

Debruçou-se o pai na cama — a criança virou o branco do olho.

— Pedrinho. Pedrinho.

Rilhava os dentes que nem ataque de bichas. Roxo de tanto se retorcer, o corpo em arco da nuca ao calcanhar. Depois de cada convulsão fechava penosamente o olho.

Uma mosca veio importuná-lo, retirou a mão da coberta a fim de espantá-la. Ela corria pelo rosto, o menino dava tapas na orelha. O pai alisou-lhe o cabelo, sem ver a mosca.

— Psiu, psiu... Durma, filhinho.

Com sede, o piá estalava os lábios. A gemer, não deixou que lhe inclinassem a cabeça, rolando-a no travesseiro. Fechava a mão vazia sem alcançar o copo. Súbito um pulo na cama.

— Variando, o pobre — disse a vizinha.

Aquela mosca tornou a voar, ele a espantava com a mão livre. O pai segurou-lhe os dedos.

— Psiu, psiu.

A mãe foi erguer-lhe a cabeça e Pedrinho gritou. De noite, a criança de olho perdido na lâmpada. Com o abajur de papel verde, não lhe doía o olho. A mulher saiu do quarto, o pai abanou a mão diante do rosto de Pedrinho: estava cego.

Às onze horas o menino voltou a gemer.

— Tem dodói, meu filho?

Rígido na cama, olho preso na lâmpada. O pai chamou a mulher; assim que viu o filho, ela começou a chorar. Debatia-se com a mão livre, um gemido lá no fundo. Engolindo em seco, agitava a cabeça no travesseiro molhado de suor. A boca torta queria morder a orelha como um cachorrinho morde as pulgas.

A mãe rezava de joelho ao lado da cama. Pedrinho de olho parado. Ela soltou um grito:

— Morreu... Meu filhinho morreu!

— Não chore, mulher. Sou o pai, não estou chorando.

O pai deu-lhe banho, com um parente. O menino permaneceu duro sobre a bacia, não se deixou sentar na água. Depois a mãe vestiu-o, nem era domingo: calça azul, blusa branca, paletó de homenzinho. Não calçou o velho sapato. Abraçou-se com ele, que fosse enterrada no mesmo caixão — o filho tinha medo do escuro.

O pai comprou o sapato dois números maiores (nessa idade eles crescem tão depressa). Com o embrulho no braço viu, entre quatro velas acesas, o piá que dormia sobre a mesa. Enfiou no pezinho frio o tênis branco. Ao pentear-lhe o loiro cabelo, a cabeça ainda em fogo. Encolheu-se no canto, acendeu um cigarro. Caiu-lhe o cigarro da boca e partiu-se o coração em sete pedaços.